

# **Quando a cidade é o campo: um estudo antropológico sobre os significados atribuídos às hortas urbanas comunitárias da cidade de São Paulo<sup>1</sup>**

Autora: Mariana Machini

Mestranda em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP)

Palavras-chave: hortas urbanas, cidade, movimento

## **Breve introdução ao universo das hortas**

As “hortas urbanas comunitárias”, como chamam seus criadores e mantenedores, são lugares de plantio de ervas, verduras, legumes, frutas e flores em espaços públicos da cidade de São Paulo. Emergem em praças, terrenos abandonados da prefeitura, canteiros em meio a grandes avenidas, abaixo de pontos de transmissão de energia elétrica onde não são permitidas construções. Este movimento, que surgiu a partir do ano de 2012 e não para de se expandir na cidade, é articulado por moradores da metrópole - muitas vezes vizinhos dos espaços das hortas apesar de essa não ser uma regra – que expõem as mais diversas motivações para a criação e a manutenção desses espaços. A preocupação com o alimento que se come; críticas à agricultura convencional, baseada em monoculturas e no agronegócio; o direito à apropriação e intervenção em espaços públicos por parte de moradores da cidade; o lazer; uma retomada de certa tradição de plantio que encontra - literalmente e simbolicamente - espaço fora dos pequenos apartamentos de moradia; a sociabilidade, fazer novas amizades; pensar a cidade não apenas como o lugar do consumo, mas da produção de alimentos; a educação para as crianças; repensar a cadeia produtiva do alimento; criar mais áreas verdes em ambientes urbanos...

É possível seguir com uma lista ainda mais vasta de razões dos defensores do movimento de hortas urbanas de São Paulo. No entanto, por detrás desta multiplicidade de objetivos, encontram-se regularidades que nos permitem tornar este um objeto único (o que não quer dizer uniforme, ou mesmo coeso) de investigação antropológica. As pautas ecológicas e ambientais, a cidade como lugar da produção e não apenas do consumo de alimentos e discussões sobre o “direito à cidade” (HARVEY, 2008) são os três principais pilares de mobilização deste tipo de ação. Ao mesmo tempo, as hortas urbanas são localidades que estão longe de se manterem distantes das instâncias globais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

Ações semelhantes tanto em outras cidades brasileiras quanto nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, entre outros países são espelhos e inspirações constantemente citados pelos participantes das hortas.

É imprescindível ressaltar que estas hortas não afloram e não funcionam de maneira isolada, a realidade é exatamente oposta. A imersão em campo desde o primeiro momento da pesquisa mostrou que estudar uma horta implicava necessariamente estudar as outras, já que elas dependem e geram um fluxo tão grande de pessoas, ferramentas, ideias, mudas, sementes, gestos, experiências e ensinamentos que acaba por fazer dessa circulação seu próprio universo. Elas só existem por conta das trocas. E foi sua fluidez - material e imaterial - que levou à adoção do termo “movimento” (alguns dos interlocutores da pesquisa tratam do “movimento de hortas urbanas comunitárias de São Paulo”) para caracterizar as hortas que são aqui objeto de estudo. Não se trata de um movimento social no sentido que a sociologia política atribui ao termo, ou de um grupo com contornos bem estabelecidos. O termo vem no sentido de dinâmica, de mobilidade, de inquietação, de fluxo, de atividade. Dessa forma, menos que definir um grupo social homogêneo e com demandas unificadas, o termo “movimento” é acionado para revelar um processo constante de construção tanto de agrupamentos quanto de anseios e experiências no âmbito das hortas comunitárias da cidade. E se é possível tratar das hortas comunitárias como *um* movimento, isso ocorre mais por conta de sua relação com o que é a elas exterior – como o Estado, a mídia, outros coletivos etc – que por uma coletivização articulada unicamente por suas relações internas. Relações geram diversidade, o que não constitui nenhuma novidade para o campo da antropologia. Lévi-Strauss (2013) em seu famoso texto “Raça e História” já escrevia que a diversidade das culturas humanas viria menos em função do isolamento dos grupos que de sua relação.

O movimento de hortas urbanas comunitárias iniciou-se a partir de um grupo no facebook chamado “Hortelões Urbanos”, criado para o compartilhamento de experiências por duas jornalistas paulistas interessadas pelo plantio no âmbito da casa. O grupo começou pequeno, mas conta, hoje, com mais de 35.000 pessoas do Brasil e do mundo, e não para de crescer. É aberto e seu mote central são efetivamente discussões sobre plantio de alimentos na cidade, o que não afasta dele discussões políticas, partidárias ou compartilhamentos de informações da vida privada.

São Paulo já contava, à época, com alguns piqueniques de trocas de mudas de plantas e sementes, eventos que geralmente aconteciam no Parque da Luz, região

central, e que reuniam interessados pelo cultivo de alimentos na cidade. Com o tempo e muitas discussões, as jornalistas e outras pessoas do grupo dos “hortelões” decidiram criar uma horta comunitária em São Paulo. Em setembro de 2012, surge a Horta das Corujas situada na praça de mesmo nome no bairro Sumarezinho. É importante ressaltar que tal horta, apesar de não ter contado – e não contar, até os dias atuais – com uma autorização formal da prefeitura de São Paulo, dispôs de bastante apoio do CADES – Conselho Municipal do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável da subprefeitura local que articulou discussões para que a horta fosse, mesmo que verbalmente e informalmente, aprovada. Hoje, algumas voluntárias dessa horta foram eleitas, elas mesmas, conselheiras do CADES do bairro onde se situa a horta.

Em outubro do mesmo ano, surge a segunda horta comunitária da cidade: a Horta dos Ciclistas, no cruzamento da Avenida Paulista com a Avenida da Consolação, na praça de mesmo nome. Articulada por alguns dos mesmos atores da horta anterior esta, por sua vez, surgiu sem qualquer autorização da subprefeitura local já que, apesar de ter havido a tentativa de envio de e-mails pelos encabeçadores da horta para a subprefeitura da Sé, eles nunca foram respondidos.

Desde então, as hortas comunitárias de São Paulo não param de aflorar nos interstícios do concreto urbano. Da Horta das Corujas, que carrega os louros de ser a primeira da cidade e tornou-se exemplo para hortas posteriores, surgiram outras na na Lapa, na Vila Indiana, no bairro da Saúde, na Praça Roosevelt, no Cambuci, Ana Rosa, Mooca, Paraíso, Lapa entre outros bairros da capital. Surgem também hortas comunitárias em equipamentos públicos da cidade, como a horta do Centro Cultural São Paulo e a recém-criada horta do Sesc Osasco, cidade vizinha. Algumas já não existem mais, mas a grande maioria ainda persiste e não dá sinais de arrefecimento. Muitas delas podem ser localizadas em mapas do site do “Movimento Urbano de Agroecologia de São Paulo” (Muda SP) e do “Cidades Comestíveis”, iniciativa que visa ampliar o número de hortas urbanas de São Paulo através de uma plataforma colaborativa e um aplicativo para celular que conectam áreas ociosas da cidade com interessados no cultivo de alimentos em cidades.<sup>2</sup>

As hortas possuem muitas relações entre si, inclusive a participação das mesmas pessoas em mais de uma horta de maneira frequente. A articulação digital por meio dos “Hortelões Urbanos” foi decisiva para a união de voluntários para a criação das duas

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.cidadescomestiveis.org/>; <http://muda.org.br/index.html>. Acesso em 03/03/2016.

primeiras hortas e de outras que vieram posteriormente. Após a criação de uma horta, em geral surge um novo grupo do *facebook* exclusivo para as discussões a ela relacionadas, mas os grupos podem ser acessados mesmo por aqueles que queiram apenas acompanhar as discussões, sem participar presencialmente do cuidado das hortas. Uma vez criadas, ocorre uma coletivização e autonomização das hortas em relação a seus criadores. Espécie de processo que “comunitariza” a horta, desvencilhando-a de pessoas, e confiando-a a agrupamentos - alguns mais, outros menos estáveis - e à cidade. Núcleos duros de ação, no entanto, são formados, e apesar de estarem supostamente sempre abertos à participação e sugestões, são eles que tomam as decisões propriamente estruturais das hortas como os dias e horários dos mutirões<sup>3</sup>, os tipos de eventos que acontecem nelas, as relações que se tentará estabelecer com as subprefeituras locais, entre outras questões. Há um incentivo muito grande para a participação de mais interessados, seja para tomar um dia da semana para ser o responsável pela rega de uma das hortas, seja para participar pontualmente de um único mutirão. Há pouca ou nenhuma cobrança explícita àqueles participantes pontuais. E a maioria das hortas também tende a aceitar bem que seus alimentos sejam colhidos por pessoas que nunca participaram de nenhuma ação voltada para sua manutenção, a ideia é mesmo a de que aquele é um espaço público, onde intervenções podem ser feitas por qualquer um e os frutos podem ser colhidos por todos.

### **A(s) agricultura(s) urbana(s): entre a escala de produção e o ativismo político**

Faz-se importante inserir as hortas urbanas comunitárias de São Paulo dentro do contexto da agricultura urbana, ou, melhor dizendo, das agriculturas urbanas. Isso porque parte ampla do discurso que legitima a criação e manutenção deste tipo de ação se apoia no fenômeno mundial da urbanização e nos impactos ambientais e sociais que este modo de vida pode acarretar, como impermeabilização dos solos, diminuição da fauna e flora, poluição e um estilo de vida ligado ao consumismo exacerbado. O incentivo à produção agrícola em ambientes urbanos viria então para mitigar tais efeitos e garantir a segurança alimentar em um cenário supostamente mais crítico.

---

<sup>3</sup> Momento, que geralmente ocorre aos finais de semana e mensalmente, quando os agentes interessados na criação e/ou manutenção de uma horta comunitária se reúnem para prepará-la. É a hora de colocar a “mão na massa”. Carpir o terreno, adubá-lo, regá-lo, plantar mudas, sementes, criar novos canteiros, conversar, fazer um café-da-manhã conjunto.

A definição do termo “agricultura urbana”, no entanto, é controversa quando da comparação de diversos autores. Relaciona-se, de maneira geral, à agricultura praticada no interior ou na periferia (agricultura periurbana)<sup>4</sup> das cidades e à efetiva produção, distribuição e venda de alimentos dentro do perímetro urbano. Se levamos em conta este conceito imperante, seria difícil inserir as hortas urbanas comunitárias de São Paulo dentro do termo, já que suas dimensões reduzidas, as formas de trabalho (se é que esta é a palavra mais apropriado, já que não estamos tratando de uma conceituação estabilizada de “trabalho”) que as circundam e seus objetivos primordiais fugiriam do escopo do que se entende por agricultura urbana. É por isso que tratar o termo no plural e considerar a existência de agriculturas urbanas torna-se interessante dentro de um contexto de amplas mudanças nas cidades contemporâneas.

Muitas das hortas urbanas paulistanas veem a agricultura em ambientes de grandes cidades como uma forma de ação política. Tanto no sentido de se desvincular de toda uma cadeia produtiva do alimento de cânones mais convencionais - que, entre outras questões, não valoriza o produtor e sim o centro de vendas final, que se utiliza amplamente de agrotóxicos e fertilizantes, que não valoriza os alimentos da estação e se baseia em monoculturas - quanto no sentido de ação mais independente do crivo estatal que preza por construir com as próprias mãos espaços urbanos de convívio. O termo “guerrilha *gardening*”, por exemplo, que é apropriado por alguns dos agentes das hortas de São Paulo e serve como explicação para o modo de afloramento de algumas delas, surgiu entre os anos 60 e 70 nos Estados Unidos para caracterizar um movimento de ativismo político de plantar em terrenos nos quais não há autorização legal para o cultivo. Essa prática defende a atribuição de um novo propósito a espaços supostamente negligenciados ou mal utilizados. Diferentemente do movimento *hippie* que fugia do ambiente das cidades para estar em maior conexão consigo e com a natureza, o movimento de hortas comunitárias age no sentido de não só projetar, mas fazer acontecer, mesmo que em pequena escala, a cidade que quer para si. É uma política que foge de modelos convencionais.

Nesse sentido, é sim necessário diferenciar, mesmo que visando uma questão metodológica, as hortas urbanas que são objeto deste estudo de outras iniciativas de agricultura urbana - inclusive bem anteriores temporalmente ao movimento de hortas urbanas comunitárias - que se situam principalmente nas regiões extremas das zonas

---

<sup>4</sup> MOUGEOT, 1999.

Leste e Sul da capital do estado. Estas estariam mais ajustadas às definições canônicas relacionadas à agricultura urbana como acima descrito, definições estas ligadas à produção de alimentos visando a autossuficiência alimentar, à integração social de grupos em situação de risco, à melhoria na qualidade da alimentação, à uma opção de fonte de renda.

As hortas urbanas comunitárias que são alvo deste estudo não são uma prática institucional ou da sociedade civil que propicia a autossuficiência alimentar ou a projeção de renda a famílias em situação de risco através da venda dos alimentos nelas produzidos. Configuram-se como produção de novos espaços, formas de socialidade<sup>5</sup>, ativismo político, entre outras questões, estando em segundo plano a preocupação com a produção de alimentos como forma de subsistência, o que não impede que, através delas, novas práticas de produção e consumo possam surgir, sendo este, como já citado, um de seus macro propósitos.

Ao contrário do que se possa pensar, no entanto, as hortas urbanas comunitárias não estão, de forma alguma, apartadas do movimento de agricultura urbana de São Paulo, encabeçado pela prefeitura, por ONGs, ativistas e também outros tipos de atores. Os participantes das duas formas de relação entre cultivo e cidade muitas vezes se conectam, trocam experiências e suportes havendo, inclusive, muita valorização do trabalho do agricultor que tem este como seu modo de vida e fonte de renda. A Cooperapas (Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa de São Paulo), por exemplo, é uma associação localizada na Área de Proteção Ambiental Capivari-Monos e Bororé que agrega em prol de práticas de agricultura orgânica, biodinâmica, agroflorestas entre outras formas de agricultura não convencionais agricultores da região de Parelheiros, extremo sul de São Paulo. Muitos destes conhecem e convivem com os agentes das hortas comunitárias, participando inclusive de alguns mutirões e estabelecendo colaborações mútuas, como a relação com o coletivo “Bora Plantar”<sup>6</sup>, que tem como prática o plantio de árvores em regiões de mananciais para a preservação e reflorestamento de mata ciliar. Alguns dos mutirões do Bora Plantar aconteceram em áreas cedidas pelo Estado aos agricultores da Cooperapas, justamente para auxiliá-los na preservação obrigatória de determinada porcentagem das

---

<sup>5</sup> Strathern, 2014.

<sup>6</sup> Fonte: <http://boraplantar.wix.com/boraplantar>. Acesso em 20/06/16.

terras de que fazem uso.<sup>7</sup> Outro exemplo de relação entre ambas as formas de agricultura urbana citadas é o fato de que os produtos oriundos das hortas dos agricultores da Cooperapas serem comercializados em feiras livres orgânicas da capital como a Feira de Produtos Orgânicos e da Agricultura Limpa, no Parque do Ibirapuera; a Feira do Produtor Orgânico no Parque da Água Branca; a Feira Orgânica do Parque Burle Marx; a Feira Orgânica do Shopping Villa Lobos; entre outras. Uma dificuldade sistemática dos produtores é o transporte de seus produtos de regiões mais extremas da cidade – onde são produzidos – até as feiras orgânicas de regiões mais centrais. Muitos dos agentes das hortas comunitárias que são objeto deste estudo se mobilizam e acionam redes de contatos para auxiliar, mesmo que não de maneira frequente, o escoamento de produtos da Cooperapas. Após a “Virada Sustentável”<sup>8</sup> - movimento de mobilização colaborativa em prol da sustentabilidade que se iniciou com eventos em São Paulo e já realizou festivais em outras cidades do Brasil - alguns maquinários como microtratores foram doados pelos organizadores do evento aos agricultores da Cooperapas. Agricultoras, melhor dizendo, já que a predominância do gênero feminino é percebida tanto na Cooperapas quanto em muitas das hortas comunitárias.

Ao mesmo tempo em que certas vantagens econômicas e sociais permitem um caráter de “ajuda” dos atores das hortas comunitárias em relação aos agricultores urbanos de regiões mais distantes de áreas centrais da capital, a reciprocidade vem na ordem da aprendizagem. A intimidade com a terra, com o trabalho braçal, com os conhecimentos em agricultura, e o fato de serem eles a gerar alimentos em maior escala, em fazer desse seu dia-a-dia, coloca-os como atores extremamente valorizados dentro do universo das hortas urbanas comunitárias.

A agricultura urbana e as hortas comunitárias são movimentos com sentidos e objetivos que podem se cruzar, mas são ontologicamente diversos, caracterizam dois mundos que não se confundem. Daí a opção por separá-los neste estudo. Ao mesmo tempo, se as hortas comunitárias se distanciam em certo sentido dessa concepção de agricultura urbana, elas se aproximam de muitos dos chamados “coletivos urbanos”, que mesmo que colecionem demandas e modelos de ação muito diferentes uns dos outros podem ser colocados na chave de uma política do “faça você mesmo”, que não espera avais e autorizações do Estado para por em prática suas ações. Chamo aqui de

---

<sup>7</sup> Lei nº12.651, de 25 de maio de 2012. Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/L12727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/L12727.htm). Acesso em 03/03/2016.

<sup>8</sup> Fonte: <http://viradasustentavel.com/>. Acesso em 03/03/2016.

“coletivos urbanos” agrupamentos auto-geridos, mais ou menos estáveis, que através de repertórios muito diversos têm como pauta o envolvimento em transformações sociais e a ocupação do espaço urbano. Expõe-se aqui uma expressão da agricultura urbana que nasce entremeada e impulsionada pelo ativismo político e coloca a discussão do plantio de alimento em cidades lado a lado com discussões relacionadas à apropriação do espaço urbano e à preservação do meio ambiente. Ideia de preservação esta que foge de uma concepção em que preservar significa manter intocado mas, ao contrário, entende-a dentro de preceitos de agroecologia<sup>9</sup> em que natureza e cultura, conhecimentos científicos e tradicionais se enleiam com vistas à manutenção das espécies e a uma concepção de bem viver.

### **Movimento nas hortas comunitárias de São Paulo**

As trocas definem o sistema de funcionamento das hortas, e também permitem que suas ações ocorram quase que sem intermediações monetárias. Por vezes há “vaquinhas”, pequenas arrecadações, em geral de valores bem modestos, entre os participantes. Mas a maior parte dos insumos vem da casa dos voluntários que compostam seu lixo gerando matéria orgânica e fertilizantes naturais, que trazem ferramentas para os dias de mutirões. Ou de outros participantes pontuais que acabam conseguindo serragem ou um carregamento de folhas secas para cobrir parte dos canteiros e manter a umidade da terra. Ou de simpatizantes e voluntários de outros coletivos que em seu dia-a-dia e através de sua rede de relações beneficiam as hortas de diversas maneiras, conseguindo material para plantio e para experimentos. É objeto, inclusive, de orgulho de muitas das hortas que seu sistema de funcionamento seja quase que completamente isento de relações monetárias, o que vai ao encontro de algumas das motivações dos criadores das hortas de proporcionar alimentos e lazer acessíveis em uma era em que tudo perpassa a monetarização. A mobilização de recursos materiais, no entanto, está presente o tempo todo, apesar de não se tratar de dinheiro.

A rede de relações é aspecto crucial para existência e funcionamento das hortas. E, apesar de esta não ser efetivamente a realidade dos participantes como um todo, o

---

<sup>9</sup> “Forma de cultivar alimentos respeitando uma perspectiva ecológica. Na agroecologia a produção agrícola acontece de forma harmônica com os ciclos naturais e respeitando as comunidades locais, somando os conhecimentos científicos aos conhecimentos de populações e agricultores tradicionais. Nós não usamos pesticidas ou fertilizantes químicos, apenas técnicas naturais e, acima de tudo, cuidamos da saúde do solo”. Trecho retirado de placas explicativas criadas pelos voluntários da Horta do Centro Cultural São Paulo.



movimento é composto por pessoas que possuem conexões importantes com diversas instâncias da cidade, como por exemplo a prefeitura, grupos de jornalistas, ONGs, outros coletivos, permacultores etc. As relações são parte crucial da existência do movimento. E a circulação de pessoas, ideias e coisas faz com que a troca se constitua em relação capital.

Ao contrário do que se possa imaginar, no entanto, as trocas entre as hortas agem no sentido de diferenciação, e não de sua homogeneização. Elas mantêm a autonomia das hortas urbanas à medida que as fazem subsistir e crescer, ao mesmo tempo em que fazem com que as ideias, materiais e ensinamentos trocados sejam aplicados à sua maneira dentro de cada horta urbana. Mesmo porque as diferenças já estão marcadas de antemão pelas espacialidades em que as hortas se situam e pelas peculiaridades de seus participantes. Há hortas em grandes terrenos conduzidas por grupos de vizinhos de meia-idade no bairro da Saúde. Há hortas em praças conduzidas por pessoas de diferentes locais da cidade na Vila Madalena. Há hortas em equipamentos culturais municipais na região central conduzidas por jovens de classe média de origens díspares. Isso não impede que um mesmo experimento para captação de água de chuva seja testado a partir de lógicas, pessoas e materiais diferentes nessas hortas. A troca aproxima muitas das instâncias das hortas, o que não apaga de forma alguma suas diferenças e acaba, na verdade, por exacerbá-las ao criar multiplicidades na forma de lidar com entes materiais e imateriais.

A lógica que opera entre as hortas é a de que ideias diversas funcionam de maneiras diversas em espaços e entre grupos diversos. As conexões, mesmo entre hortas de públicos e localidades muito distintos entre si – em relação a questões econômicas, bagagem de ensino formal, intimidade com preceitos como a agroecologia ou a bioconstrução – são incrivelmente intensas e extensas, assim, uma ideia que deu certo em uma das hortas rapidamente se espraia para várias das outras, seja pelo ambiente digital, seja por conexões físicas entre as pessoas. No entanto, a mesma ideia nunca é aplicada exatamente da mesma forma em duas hortas diferentes. Há um entendimento muito forte entre os grupos de que seu espaço, sua materialidade, as pessoas, os terrenos, as vontades são diferentes em cada uma das hortas.

Em um domingo já na segunda quinzena de dezembro de 2015 ocorreu o mutirão de final de ano da horta do Centro Cultural São Paulo. Na data, estava

ocorrendo uma oficina de irrigação com arduíno<sup>10</sup>, uma oficina de bioconstrução com bambu, um cinedebate sobre agricultura urbana e um lanche comunitário para comemorar o último mutirão do ano. O sistema do arduíno foi levado pelo rapaz que propôs a oficina, os bambus foram doados por um simpatizante da horta que voluntariamente constrói mobiliários para o Largo da Batata, a infraestrutura do cinema foi fornecida pela administração do Centro Cultural São Paulo, os lanches foram levados por todos. No meio do mutirão surgiram dezenas de plantas que foram doadas pela organização do 3º Festival de Direitos Humanos da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (alguns organizadores do Festival teciam fortes relações com o movimento de hortas de SP). É muito difícil encontrar um mutirão que não tenha sido construído através do caráter de prática coletiva como o descrito.

As trocas também fazem com que as hortas sejam territórios e circulação ao mesmo tempo. A circulação de pessoas, sementes, mudas, ideias, saberes permite a existência da horta, que é fixa em um território. Mas é também este território que estabelece e é propulsor da circulação. A espacialidade fixa da horta permite a fluidez. E esse fluxo e essa estabilidade estão o tempo todo em relação, interseccionando-se. É um fluxo que estabiliza, é uma estabilidade que movimenta.

Deleuze e Guattari deixam claro em *Mil Platôs* (2004) que os espaços liso e estriado - o espaço nômade e o espaço sedentário – não são da mesma natureza, mas necessariamente se misturam. Afirmam os autores:

Ora, no espaço estriado, as linhas, os trajetos, têm a tendência a ficar subordinados aos pontos: vai-se de um ponto a outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto. (...) Tanto no liso como no estriado há paradas e trajetos; mas, no espaço liso, é o trajeto que provoca a parada. (p. 162, 1980).

Ocorre como se a linha, no espaço liso, fosse uma indicação, e não uma obrigatoriedade de direção. Mudanças de direção são usuais. A colonização daquele espaço, no entanto, estria-o. O Estado estria os espaços, ao regulamentá-los. Para tanto, necessita homogeneizá-los para burocraticamente controlá-los. As hortas urbanas de São Paulo, apesar de estarem situadas em espaços controlados pelo Estado, públicos que são, não deixam de possuir características lisas. São estabelecidas linhas de direção, mas linhas que são espécies de vetores e, ao contrário de definirem uma dimensionalidade

---

<sup>10</sup> Um arduíno é um *hardware* livre que possibilita a criação de ferramentas acessíveis e de baixo custo, flexíveis e fáceis de usar. O objetivo foi criar um mecanismo que identificasse a umidade do solo e ativasse o sistema de irrigação por gotejamento automaticamente.

fixa e métrica, permitem às pessoas, plantas e materiais percursos diversos e sempre abertos a novas criações. O percurso de um dos atores não é necessariamente o mesmo do outro, mesmo que ambos passem em determinado momento pelo mesmo ponto. Mas as características do espaço estriado, não há como negar, permeiam o espaço liso das hortas, fixando-as.

E esse movimento, defende-se, não é propiciado apenas por humanos, mas também por não-humanos. Cada horta tem características diversas - além de sofrerem influência de públicos diversos - porque seus terrenos, a incidência de luz solar, a adaptabilidade das plantas, o ambiente ao redor que favorece ou não a polinização de determinada espécie, a existência de pontos de água próximos, entre outras questões, são diversas.

Além disso, a forma como aqueles que se relacionam de maneira mais íntima com as hortas concebem a natureza não bate com ideias mais tradicionais de separação entre natureza e cultura. Seria um erro partir do pressuposto de que a natureza é concebida da mesma forma em qualquer lugar, a ideia de natureza como uma entidade extrínseca aos humanos é relativa e varia a cada grupo. Devemos considerar a existência de múltiplas ontologias da natureza. Algumas observações no grupo “Hortelões Urbanos”, nos outros grupos de redes digitais das hortas e no dia-a-dia dos mutirões poderia levar a pensar que os chamados hortelões humanizam as plantas e animais ao darem “agência” a eles. Contudo, diferente de humanizar, trata-se de pensar nessas coisas elas próprias com uma vida que não é diversa da humana, mas troca com ela. “Temos que pensar o espaço como uma forma de sobrevivência de múltiplos seres”, diz um dos criadores da horta do Centro Cultural São Paulo.

Tim Ingold em seu texto *Trazendo as coisas de volta à vida. Emaranhados criativos num mundo de materiais* (2012) defende que quase todo pensamento ocidental se baseia em uma relação entre agentes que dão forma a uma matéria, logo, a matéria seria inerte frente ao agente. Ela se transformaria, nesse processo, em objeto, algo estático e quase perenizado na sua forma. É justamente esse pensamento que o autor quer derrubar ao substituir o foco no produto acabado pela atenção aos processos de formação. Para isso, critica a ideia de agência e externaliza uma concepção de mundo infinitamente mais fluida que a que estamos acostumados a lidar.

Ingold se utiliza do pensamento heideggeriano que retoma a ideia de coisa (viva e em fluxo) para substituir a de objeto (estático e morto). As coisas, diz ele, não são fechadas, elas vazam, transbordam da superfície. Tal como as árvores, podemos citar as

pedras ou mesmo as nuvens como coisas e percebê-las como nós que deixam seus rastros e fios, que vazam. Mesmo o que é feito pelo homem é coisa nessa perspectiva. Veja uma casa, segue Ingold, como imaginá-la apartada das suas relações com o clima, os humanos e os não-humanos? Seus exemplos tentam mostrar que não existe uma distinção significativa entre coisas feitas ou não pelo homem. Vejamos o exemplo da semente. Ela seria objeto? Não é a troca, a permeabilidade, que a faz vida? O pássaro é o voar, o peixe o nadar. São os verbos movimentando substantivos estabilizantes.

É aqui que entra a problematização da agência das coisas, criticada por Ingold. A ideia de agência seria simplesmente uma tentativa de reanimar objetos que já estão mortos. Num Ambiente Sem Objetos (ASO) tudo se move e cresce porque está vivo, não porque tem agência. “Com efeito, tomar a vida de coisas pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de coisas a objetos, e de vida a agência. A fonte dessa lógica redutivista é, acredito, o modelo hilemórfico”. (INGOLD, 2012, p. 34)

Como os praticantes no ASO, o que o cozinheiro, o alquimista e o pintor fazem não é impor forma à matéria, mas reunir materiais diversos e combinar e redirecionar seu fluxo tentando antecipar aquilo que irá emergir. Assim, as cerâmicas não são mais estáveis que corpos. Deixadas ao léu, os materiais fogem do controle. O mesmo vale para o jardineiro, que deve estar sempre vigilante para impedir que o jardim se transforme numa mata. (Ingold, 2012, p. 36).

O ambiente, assim, deixa de ser o que cerca para participar de um emaranhado que compõe, não em rede, mas em malha que deixa pontas soltas que se abrem para o mundo os fluxos e as linhas de fuga.

O movimento de coisas e pessoas, afetos e plantas, faz emergir o mundo das hortas, que é ele próprio produzido e produtor dessa movimentação que expõe uma maneira característica de se situar na cidade, sempre transformando-a. Nesse aspecto, a categoria de *circuito* formulada por Magnani (2002) e de diversas formas expandida e retrabalhada pelo autor e demais pesquisadores dentro de estudos realizados no Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo é também interessante. O *circuito* de Magnani remete a uma dinâmica de circulações que apresentam regularidades dentro do cotidiano dos habitantes do urbano. Vem para combater a representação da cidade apenas por sua vertente caótica, aleatória e fragmentada ao expor *trajetos* espaciais que são seguidos de forma periódica por agrupamentos sociais, geralmente em conformidade com determinada prática. Queremos nos opor, no entanto, e como também faz Magnani (2014), à ideia de uma categoria espacial que trata de

meros pontos que podem ser conectados em um mapa. Para isso, a consideração da dimensão temporal da categoria possibilita sim identificar pontos localizados espacialmente que são espécies de catalizadores e propulsores dessa circulação mas, ao mesmo tempo, faz com que estes pontos não sejam vistos como estagnantes ou como se encerrassem em si um *circuito* fixo e fechado. “(...) o circuito não é dado de antemão, mas construído: são os trajetos dos atores sociais [e aqui acrescentamos também o trajeto das coisas] que criam, mobilizam e o tornam vivo” (p. 17).

Nesse sentido, é possível compreender a intensa relação entre as hortas e seus atores não de uma forma hermética e estagnante, mas, apesar disso, apresentando regularidades indispensáveis para sua manutenção e que fazem compreender sua maneira de funcionamento. O *circuito* das hortas existe, mas está com suas pontas soltas. Assim, pretende-se “(...) a dissolução da cidade enquanto uma totalidade dada, discreta, com papel explicativo ou definidor de comportamentos, práticas, situações” (p. 18), o que a coloca como local de disputa. A perspectiva do ASO de Ingold retrata de forma mais fiel a mensagem que paira nos grupos das hortas: tudo se move e cresce porque está vivo.

### **Plantando sementes nas fissuras do concreto: rural e urbano no movimento das hortas comunitárias**

A partir das considerações e análises anteriores, é necessário pensar nas concepções entre rural e urbano que emergem do movimento de hortas urbanas comunitárias de São Paulo. Seria um erro partir de uma separação estabilizadora entre esses dois mundos, no entanto, não há dúvida de que estamos tratando aqui de cidade. As hortas urbanas tornam-se, nessa leitura, um movimento de ativismo urbano que se afirma através de valores supostamente rurais, mas que apenas emergiram nesse contexto físico e temporal por uma conjuntura da cidade e que interferem, elas mesmas, nessa conjuntura. Seguir o circuito e participar da dinâmica das hortas urbanas faz transitar pela cidade uma gama de pessoas e coisas que emergem formas de interação<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> O próprio uso do termo “comunitário” no contexto das hortas urbanas é instigante. O que leva os participantes das hortas a denominá-las como comunitárias? É evidente entre os atores, criadores e mantenedores das hortas, a preocupação para que o trabalho seja de fato conjunto, agregue qualquer um que se interesse por ele, reúna vizinhos, gere o encontro de pessoas e tenha como produto aquilo que é caracterizado como *de todos*. O discurso inclui, além disso, uma ideia lugar-comum de retomada de valores comunitários que foram perdidos, esquecidos dentro do ambiente individualista e segregador das

e desconstroem paradigmas como a cidade como lugar de consumo e o campo como local de produção de alimentos.

As trocas impulsionadas pelas hortas, seja de coisas que circulam, seja de pessoas que circulam, acarretam uma concepção peculiar de cidade. Não é só o espaço das hortas que é transformado – não por, mas com, se seguirmos as concepções de Ingold – os participantes do movimento de hortas urbanas, mas as hortas, elas mesmas estão com as pontas soltas, porque espraiam sua lógica de agricultura em ambiente urbano e valorização do meio ambiente em uma variada gama de ações. Das hortas, surgem mutirões de plantio de árvores em calçadas à revelia do poder público; surgem iniciativas como as “florestas de bolso” – técnica de plantio em cidades desenvolvida por um botânico que “concentra grande biodiversidade e massa arbórea numa pequena área, e é uma solução ambiental importante para a cidade, pois combate ilhas de calor, umidifica e purifica o ar, preserva espécies vegetais nativas ameaçadas de extinção, resgata a biodiversidade local e fornece abrigo para polinizadores e pássaros”<sup>12</sup>; surgem eventos espalhados pela cidade sobre técnicas alternativas de plantio, como a permacultura, as agroflorestas, a agricultura biodinâmica, entre uma infinidade de outras ações.

Soma-se a isso o fato de que as hortas não são espacialidades de exceção, mas parte do dia-a-dia dos habitantes do urbano. Não são construtos temporários, necessitam, ao contrário, de cuidados diários e movimentam uma rotina que se quebra e leva consigo a horta. Ela não resiste à instabilidade, precisa de uma rotinização que, por outro lado, não é estanque e se forma a partir de inesperados, também eles cotidianos. Nesse sentido, ajuda trazer Proença Leite (2010) que fala de “condutas deliberadamente ambíguas que são fugidias ao enquadramento conceitual binário, do tipo conduta normativa, ou ação desregrada”. E continua “(...) certas rupturas recorrentes que ocorrem nos interstícios da vida pública não põem em risco a cotidianidade – embora a desafiem –, mas, ao contrário, garantem certas dinâmicas necessárias às práticas sociais geradoras da contestação e da mudança” (p. 738).

É extremamente importante compreender que essas ações não se dão sem conflito. Seja com o Estado – ele mesmo plural e diverso, partimos da concepção que o

---

grandes cidades. Contudo, a temática rende uma série de discussões para um novo trabalho, e não será aqui abordada.

<sup>12</sup> Retirado de:

[https://www.facebook.com/florestasdebolso/info/?entry\\_point=page\\_nav\\_about\\_item&tab=page\\_info](https://www.facebook.com/florestasdebolso/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info).

Acesso em 20/06/16.

Estado não é um ente fixo, mas também ele polifônico, fluido e formado de enleios entre pessoas, documentos, coisas que o torna poroso, e não compacto, através do efeito de alianças firmadas entre seus fragmentos<sup>13</sup> - seja com os habitantes do urbano ao redor, a vivência nas hortas demonstra uma ideia de cidade em constante disputa, repleta de fricções, conflitos e coalizões. Muitos dos hortelões dizem com certa frequência que as hortas são locais de experimento. A cidade também o é.

### Referências Bibliográficas

AGIER, M. **Lugares e redes: as mediações da cultura urbana** In: NIEMEYER, A. M. & GODOI, E. P. (orgs.). Além dos territórios; para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

BRENNER, S. M. **Tactical urbanismo: from civil disobedience to civic improvement**. Austin: The University of Texas, 2003.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. I e Vol. V. São Paulo: Editora 34, 2004.

DI GIOVANNI, J. R. **Artes de abrir espaço: apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo**. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 4, No 2 | -1, 13-27. 2015.

ELLIS, F; SUMBERG, J. **Food Production, Urban Areas and Policy Responses**. World Development, Vol. 26, No 2, pp. 213-225, 1998.

FREIRE, J. **Urbanismo emergente: ciudad, tecnóloga e innovacion social**. 2009. Disponível em: <http://nomada.blogs.com/jfreire/2010/03/urbanismo-emergente-ciudad-tecnologa-e-innovacin-social.html>. Acesso em: 01 fev. 2016.

GOHN, M. G. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HABERMAS, J. **New social movements**. Telos, nº 49. New York, 1981.

HARVEY, D. **The right to the city**. *New Left Review S.l.* II (53): 23–40. (Setembro-outubro/2008).

\_\_\_\_\_. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**. Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*. 37, 2012, p. 25-44.

---

<sup>13</sup> Vianna, 2010.

LEITE, R. P. **Espaço público e política dos lugares**: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Antropologia), UNICAMP.

\_\_\_\_\_. **A inversão do cotidiano**. práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582010000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582010000300007&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582010000300007>.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: Antropologia Estrutural Dois. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LYDON, M. **Tactical Urbanism 1**: Short-term Action for Long-term Change. [s.l: s.n.]. v. 1, 2011.

MAGNANI, J. G. C. **O Circuito**: proposta de delimitação da categoria. *Ponto Urbe* [Online], nº15, 2014. Acesso em: 25 de Abril 2016. <http://pontourbe.revues.org/2041> ; DOI : [10.4000/pontourbe.2041](https://doi.org/10.4000/pontourbe.2041)

\_\_\_\_\_. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.17. n.49, junho de 2002.

MOUGEOT, L. J. A. **Urban Agriculture: Definition, Presence, Potential and Risks, Main Policy Challenges**. IDRC: (novembro 1999) CFP Report 31.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PETRESCU, J. V. **Táticas Urbanas**, 2011. Disponível em: <http://www.plataformaurbana.cl/archive/2011/05/25/taticasurbanas-1/> Acesso em 14 abril 2016

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.

STEFFENS, K; VERGARA, J. **Urbanismo Tático 3**: casos latino-americanos. V. 3, 2013

STRATHERN, M. **O Efeito Etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VIANNA, A. C. M. **Os enleios da tarrafa**: Etnografia de uma parceria transnacional entre ONG's através de emaranhados institucionais de combate à pobreza. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social), USP.

#### Sites Consultados:

BRASIL. Lei nº12.651, de 25 de maio de 2012 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/L12727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/L12727.htm). Acesso em 03/03/2016.



Cidades Comestíveis. Disponível em: <http://www.cidadescomestiveis.org/>. Acesso em 03/03/2016.

Cidade Sem Fome. Disponível em: <http://cidadessemfome.org/pt-br/>. Acesso em 03/03/2016.

Coletivo Bora Plantar. Disponível em: <http://boraplantar.wix.com/boraplantar>. Acesso em 20/06/16.

Floresta de Bolso. Disponível em [https://www.facebook.com/florestasdebolso/info/?entry\\_point=page\\_nav\\_about\\_item&ab=page\\_info](https://www.facebook.com/florestasdebolso/info/?entry_point=page_nav_about_item&ab=page_info). Acesso em 20/06/16.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. “Growing greener cities in Latin America and the Caribbean”, Roma, 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/ag/agp/greenercities/>. Acesso em 08 de abril de 2016.

Grupo Hortelões Urbanos. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/horteloos/?fref=ts>. Acesso em 20/03/2016.

MUDA-SP. Disponível em: <http://muda.org.br/index.html>. Acesso em 20/03/2016

MUDA-SP – Mapa das Hortas de São Paulo. Disponível em: [https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1ib0uq174w\\_SedPLwXAsDr51B2eQ](https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1ib0uq174w_SedPLwXAsDr51B2eQ) Acesso em 03/03/2016.

The Guardian. Guerrilla gardening: a report from the frontline, 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/lifeandstyle/gardening-blog/2014/oct/10/guerrilla-gardening-a-report-from-the-frontline> Acesso em 20/03/2016